

FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS), AGROECOLOGIA E ESCOLAS DO CAMPO*

TEACHER EDUCATION AND AGROECOLOGY IN RURAL SCHOOLS

Janaine Zdebski da Silva¹

Marcos Gehrke²

Resumo

O texto apresenta os resultados da pesquisa intitulada *Agroecologia nas escolas do campo: subsídios para a formação de educadores(as) do campo* desenvolvida entre 2024 e 2025 no pós-doutoramento. A discussão se reveste de importância ao considerarmos o contexto recente em que a formação de educadores(as) do campo se configura na história da educação brasileira, o que demanda reflexões no campo da pesquisa na formação de professores. Tem como objetivos apresentar apontamentos analíticos sobre o trabalho educativo em agroecologia em três escolas do campo localizadas em assentamentos da reforma agrária e indicar subsídios para problematizar e orientar a formação de educadores(as) nas Licenciaturas em Educação do Campo, em especial na área de Ciências Agrárias. Orientada pelo referencial marxista, se trata de pesquisa documental e bibliográfica que tem por referência as experiências dessas três escolas que se voltam para o desenvolvimento da agroecologia. Como resultado da análise da inserção desta ciência em algumas experiências escolares em que a escola é protagonista no trabalho com a agroecologia, indica a importância de reconhecer as demandas do território e compreender como a escola as considera. No que concerne à formação de educadores(as) do campo para atuação voltada à agroecologia, os resultados indicam a importância da formação de um profissional com competência técnica, compromisso político e ousadia para transgredir a forma escolar vigente. O texto reforça o potencial da agroecologia como ciência, prática social e movimento político na formação das novas gerações.

Palavras-chave: Educação do Campo; Assentamentos de Reforma Agrária; Licenciatura em Educação do Campo.

Dossiê: Artigo Original: Recebido em 15/06/2025 – Aprovado em 31/10/2025 – Publicado em: 29/12/2025

¹ Graduada em Pedagogia; Mestra em Educação; Doutorada em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Ciências Sociais e Humanidades. É professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, no Centro de Formação de Professores, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo em Ciências Agrárias. Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). Amargosa, Bahia, Brasil. e-mail: janainezs@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0265-0720> (autora correspondente)

² Graduado em Pedagogia; Mestre em Educação; Doutor em Educação; Pós-Doutorado em Educação. Professor adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Coordenador do Curso de Pedagogia para Indígena. Guarapuava, Paraná, Brasil. e-mail: mgehrke@unicentro.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7592-3139>

* Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Abstract

The text presents the results of the research entitled *Agroecology in the schools of the field: grants for the training of educators (as) of the field developed between 2024 and 2025 in the post-doctorate*. The discussion is of importance when we consider the recent context in which the formation of educators (as) of the field is configured in the history of Brazilian education, which demands reflections in the field of research in teacher training. It aims to present analytical notes on the educational work in agroecology in three field schools located in land reform settlements and to indicate grants to problematize and guide the training of educators (as) in the Field Education Licentiates, especially in the field of Agrarian Sciences. Guided by the Marxist reference, it is a documentary and bibliographic research that refers to the experiences of these three schools that turn to the development of agroecology. As a result of the analysis of the inclusion of this science in some school experiments where the school is a protagonist in working with agroecology, it indicates the importance of recognizing the demands of the territory and understanding how the school considers them. Regarding the training of educators (as) in the field for agroecology-oriented activities, the results indicate the importance of training a professional with technical competence, political commitment and boldness to transgress the current school form. The text reinforces the potential of agroecology as a science, social practice and political movement in the formation of new generations.

Keywords: Field Education; Agricultural Reform Settlements; Bachelor's Degree in Field Education.

1 Introdução

O texto apresenta os resultados da pesquisa intitulada *Agroecologia nas escolas do campo: subsídios para a formação de educadores(as) do campo* desenvolvida entre 2024 e 2025 no pós-doutoramento vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Este estudo foi impulsionado pela pesquisa financiada pelo CNPq denominada *Sustentabilidade, Educação do Campo e Agroecologia: organização socioprodutiva e processos formativos em assentamentos rurais na Bahia, no Paraná e em Santa Catarina*.

A pesquisa delineada para duração de um ano foi realizada a partir dos estudos anteriores voltados à Educação do Campo e da atuação docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias (LEdO-C-CA), no Centro de Formação de Professores localizado em Amargosa, Bahia.

A investigação se constituiu visando contribuir com a atuação neste espaço profissional docente destinado à formação de educadores(as) do campo. Segundo Molina (2020), as Licenciaturas em Educação do Campo estão em funcionamento nas cinco regiões brasileiras, em 33 instituições e com 44 cursos permanentes, o que “ratifica a defesa de um projeto de educação pública e a formação docente crítica e emancipatória vinculadas à construção de um

projeto camponês de desenvolvimento baseado na agroecologia e na soberania alimentar (Tardin; Guhur, 2017 *apud* Molina; Pereira; Brito, 2021, p. 09).

Compreendemos que as Licenciaturas em Educação do Campo alinhadas à materialidade de origem da Educação do Campo se colocam na direção da tão necessária transformação social. Respaldados por Caldart (2012, p. 257), compreendemos que “a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades campesinas”. A Educação do Campo é luta pelo acesso à escolarização no espaço onde se vive, uma educação de classe e comprometida com os interesses dos povos do campo, das águas e das florestas, em que a agroecologia tem centralidade.

A partir das questões que emergem da atuação docente universitária e dos desafios que permeiam a inserção da agroecologia na educação básica, sobretudo nas atividades realizadas por meio dos estágios supervisionados do curso de licenciatura, tal pesquisa buscou compreender as articulações entre Educação do Campo e agroecologia nas escolas do campo, visando aprofundar conhecimentos sobre as mediações entre este campo de conhecimento e o trabalho educativo escolar, buscando tecer reflexões para incidir na formação inicial de educadores(as) do campo.

A discussão se reveste de importância ao considerarmos o contexto recente em que a formação de educadores(as) do campo se configura na história da educação brasileira, o que demanda reflexões no campo da pesquisa na formação de professores. Especificamente, a área de Ciências Agrárias, como área de conhecimento das Licenciaturas em Educação do Campo, possui desafios cotidianos, pois mesmo a agroecologia sendo politicamente importante e pedagogicamente necessária, as escolas, de maneira geral, não contemplam ainda atividades voltados a ela. Neste sentido, temos pouco acúmulo construído no que se refere aos processos de ensino-aprendizagem da agroecologia na educação básica.

A questão que nos move leva à investigação da produção acadêmica selecionada e das propostas educativas e experiências desenvolvidas em escolas do campo que possuem práticas em andamento voltadas à agroecologia a fim de identificar o que elas podem nos indicar sobre a formação de educadores(as) nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Se cabe à universidade formar estes profissionais, é urgente dialogar com as experiências e

sistematizações em andamento para aprender com elas e poder incidir sobre os processos educativos de modo alinhado às demandas e necessidades que as experiências podem apontar.

O estudo se constituiu a partir da necessidade de construir processos reflexivos sobre a formação dos licenciados em Educação do Campo de modo estrategicamente articulado com as experiências exitosas da educação básica no que tange à construção de práticas agroecológicas nas escolas do campo. Neste sentido, nosso objetivo, neste texto, ao trazer os resultados, é apresentar apontamentos analíticos sobre o trabalho educativo em agroecologia nas escolas do campo e indicar subsídios para problematizar e orientar a formação de educadores(as) nas Licenciaturas em Educação do Campo.

2 Metodologia

A investigação se respaldou no referencial marxista de explicação da realidade que, em nosso entendimento, busca a compreensão do real em seu movimento dialético. Neste exercício investigativo, prezamos pelas categorias analíticas do trabalho, da práxis, da mediação, da contradição e da totalidade.

No que se refere à produção de dados, foi realizada por meio das pesquisas documental e bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2020). Enquanto material bibliográfico, nos embasamos nos textos do *Dicionário de Agroecologia e Educação* (Dias *et al.*, 2021), selecionando os verbetes mais próximos da discussão proposta: Agroecologia (Guhur; Silva, 2021); Educação Básica e Agroecologia (Stauffer *et al.*, 2021); Educação do Campo e Agroecologia (Caldart, 2021); Educação em Agroecologia (Sousa *et al.*, 2021) e Transição Agroecológica (Gaia; Alves, 2021). Outra obra utilizada, referência nesta discussão, é o livro intitulado *Agroecologia na Educação Básica – questões propositivas de conteúdo e metodologia* (Ribeiro *et al.*, 2017). Sobre a formação de educadores(as) do campo, nos baseamos em Taffarel *et al.* (2011), Taffarel, Sá e Carvalho (2018), Molina (2023), Molina, Pereira e Brito (2021) e Freitas (2014).

Para aprofundar nossa compreensão da temática, considerando a práxis necessária, elencamos três experiências escolares que se voltam para o ensino e a aprendizagem da agroecologia tendo como critério as experiências escolares de três estados diferentes, Bahia, Paraná e Santa Catarina, estudadas em projetos de pesquisa anteriores.

Cabe salientar que as três escolas do campo selecionadas para estudo têm em comum o fato de estarem localizadas em assentamentos da reforma agrária com vínculo orgânico com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Este foi um critério que também nos guiou na seleção, visto que as ações do MST na educação primam pela inserção da agroecologia nos diversos espaços educativos, o que implica não somente um quantitativo de experiências, mas também um acúmulo prático-teórico existente.

Também foram realizados estudos coletivos de diferentes textos que contribuíram com a exposição que trazemos neste trabalho. Destacamos os estudos desenvolvidos com demais docentes e estudantes por meio do Grupo de Pesquisas em Educação do Campo, Movimentos Sociais e Agroecologia (GECA-UFRB), os estudos do Grupo de Pesquisa Campo, Movimentos Sociais e Educação do Campo (MOVECAMPO-UNICENTRO) e os debates desenvolvidos em parceria com outras Instituições do Ensino Superior, com destaque para os encontros da Rede de Estudos e Pesquisas Marxistas em Educação do Campo.

3 A inserção da agroecologia nas escolas do campo

A pesquisa desenvolvida nos possibilitou a apropriação das discussões que abordam a importância política e pedagógica da agroecologia nos diversos espaços educativos, e sobremaneira nos espaços formais de educação. Neste tempo histórico em que a emergência climática se coloca de forma cada vez mais acentuada, estratégias que tenham como referência a agroecologia e a luta contra o capital são cada dia mais fundamentais. Concordamos com a afirmação de que: “a agroecologia é a base científica de construção da agricultura camponesa capaz de confrontar o agronegócio. Portanto, não pode ficar de fora do projeto educativo das escolas [...]” (Caldart, 2015, p. 06).

Nesta direção, verificou-se o protagonismo das escolas do campo que estão localizadas em assentamentos do MST, sendo a agroecologia um alicerce importante para a construção da Reforma Agrária Popular (MST, 2024) articulada às demandas da Educação do Campo.

Mesmo se constituindo como uma ciência em construção, com histórico bastante recente e que se coloca muito além de meras técnicas de produção agrícola, a agroecologia, compreendida como ciência, como prática social e como movimento político (Guhur; Silva, 2021) se constitui também por se somar à luta pela transformação das relações postas, das

relações de exploração, de opressão e das relações predatórias entre ser humano e os bens naturais.

Sendo uma ciência em construção, porém, com amplo potencial de incidência sobre as novas gerações no que se refere à produção e reprodução da vida de modo alinhado aos interesses da classe trabalhadora, algumas estratégias vêm sendo desenvolvidas para inserir a agroecologia como conteúdo, como prática, como tema transversal ou como eixo norteador do plano de estudos nos espaços escolares, justamente porque este é um espaço sistemático de ensino e de aprendizagem, que explicita suas intencionalidades e se planeja cotidianamente por meio de seus sujeitos para atingir objetivos voltados à formação humana.

Neste sentido, considerando as escolas que fizeram parte desta investigação, foi possível identificar que a agroecologia vem sendo inserida de diversas formas, por vezes, num formato mais vinculado com as atividades já existentes na escola em parceria com a comunidade, por vezes, de modo mais restrito ao espaço escolar coordenado pela equipe pedagógica ou por um único docente a partir de um componente específico que busca estreitar relações com os demais.

A agroecologia no ambiente escolar muitas vezes se coloca por meio das atividades interdisciplinares que envolvem o planejamento e o trabalho coletivo. Evidenciou-se também que vem ganhando relevância na escola a partir de diferentes diagnósticos da realidade no entorno escolar, que mostram práticas agroecológicas existentes ou ainda explicitam as degradações causadas pelo agronegócio e que demandam reflexões sobre o modelo de agricultura hegemônico e uma leitura crítica dos agroecossistemas que, muitas vezes, se direciona para a compreensão e construção agroecológica. Também ganha destaque o envolvimento dos estudantes por meio de alguma atividade de trabalho, como o desenvolvimento de atividades de produção agrícola de base agroecológica, pautada nas discussões que envolvem o trabalho como princípio educativo e a auto-organização.

Conforme sintetiza Stauffer *et al.* (2021, p. 350):

A agroecologia na Educação Básica vem se configurando de distintas formas: como uma disciplina a mais a compor o currículo escolar ou como conteúdo em diferentes disciplinas; como eixo transversal a várias disciplinas, sobretudo àquelas ligadas às ciências da natureza; como um tema gerador à luz da abordagem de Paulo Freire (2005); como porção da realidade nos complexos de estudo [...], entre outros.

Na pesquisa desenvolvida, estudamos as propostas político-pedagógicas de três escolas do campo e pudemos sistematizar elementos importantes que estão em desenvolvimento e que agregam ainda mais nesta relação entre Educação do Campo e agroecologia no contexto escolar.

A experiência da Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares, localizada no Assentamento Valmir Motta de Oliveira, em Cascavel, Paraná, indica o potencial da utilização da ferramenta denominada *inventário da realidade* (Caldart, 2016):

O Inventário da Realidade proporcionou movimentar o trabalho pedagógico, estreitando o vínculo com a realidade vivenciada pelos estudantes, a partir de um processo de ensino-aprendizagem fundado na ciência, na arte, na organização coletiva, no trabalho, na cultura, na história e no compromisso com a luta social. Entre os fatores que justificam a relevância de partir da realidade, por meio da construção do Inventário, está a possibilidade de qualificar a interface entre o ensino e a agroecologia, tendo a pesquisa de campo como instrumento. (Farias *et al.*, 2022, p. 57).

Compreendemos que a construção do inventário da realidade se aproxima da realização de um diagnóstico do território onde a escola está situada, se constitui como um levantamento de dados que possibilita a leitura da realidade, mas que pode explicitar diretamente suas intenções voltadas ao ensino de agroecologia. No documento intitulado *Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo*, elaborado por um coletivo de educadores(as) do Setor de Educação do MST, entre os objetivos indicados para construção do inventário da realidade, destacamos:

- Levantar informações para estudos sobre agroecologia e agricultura na relação com o trabalho, considerando a possibilidade real de ligação das escolas do campo com atividades de produção agrícola de base agroecológica, e a necessidade de refletir sobre a realidade da agricultura hoje e suas mudanças no tempo e no espaço. (Caldart *et al.*, 2016, p. 01).

Tal objetivo se volta diretamente para potencializar a relação entre agroecologia e educação, considerando o contexto no qual a escola está inserida e o estreitamento das relações com a comunidade.

Outra experiência estudada que merece destaque se refere à Escola Técnica Luana Carvalho (ETALC), localizada no Assentamento Joseney Hipólito, em Ituberá, na Bahia. Em tal proposta educativa, a agroecologia assume relevância ao atrelar o ensino ao desenvolvimento de tecnologias sociais construídas na escola e, por decorrência, nas comunidades do entorno. Por meio da atividade denominada *Práticas Agroecológicas* realizada na escola são promovidos momentos de ação e reflexão, a partir das tecnologias sociais que possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas organizadas em frentes tecnológicas de trabalho. Há nesta escola as seguintes tecnologias sociais: bacia de evapotranspiração (BET); sistema de captação, filtragem e armazenamento de água; unidade de produção de adubos;

quintais produtivos; meliponicultura e viveiro de mudas (ETALC, 2020). Ao se referir às práticas pedagógicas, o projeto político-pedagógico (PPP) da ETALC indica seu objetivo, que consiste em:

[...] complementar a formação pedagógica, profissional e agroecológica de suas/seus educandos/os e tem como finalidade, a partir da realidade concreta da escola/comunidade e do trabalho educativo, associar a teoria e a prática na experimentação de tecnologias sociais a população e potencialmente replicáveis para as comunidades do território. (ETALC, 2020, p. 44).

A partir dos estudos realizados, compreendemos a importância da estreita relação da escola com o território onde está inserida, como se observa na experiência relatada da ETALC, bem como na experiência da Escola Vinte e Cinco de Maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista, município de Fraiburgo, Santa Catarina. Sobre esta escola, ao analisar os dados de entrevistas realizadas com a comunidade do assentamento, Cabral (2025) nos revela “uma profunda interconexão entre a trajetória histórica do assentamento, as práticas educativas da Escola 25 de Maio e a consolidação da agroecologia como modo de vida” (Cabral, 2025, p. 06). Ainda segundo a autora, “a escola atua como centro irradiador de práticas sustentáveis, influenciando não apenas a formação dos estudantes, mas também as estratégias produtivas das famílias, reforçando a soberania alimentar e a identidade comunitária” (Cabral, 2025, p. 06). Neste caso, assim como na ETALC, a escola potencializa a presença da agroecologia também nos assentamentos. A partir do estudo realizado, também pudemos inferir sobre:

o potencial da Agroecologia na Educação Básica por suscitar e aprofundar discussões na escola e/ou nas comunidades sobre as diversas contradições da sociedade atual, como a produção e consumo de alimentos, a soberania alimentar, uso e consequências dos agrotóxicos, contaminação das minas de água, a destruição dos bens naturais. (Silva; Martins, 2024, p. 224).

A partir do estudo das propostas pedagógicas escolares, identificamos também o quanto a agroecologia pode contribuir com uma leitura crítica da realidade no entorno da escola e suas conexões com a totalidade social, as relações existentes no agroecossistema em que a escola está inserida, os processos de transição agroecológica, a discussão sobre projeto de campo e de sociedade, sobre mercantilização da vida, dos bens naturais e dos direitos humanos e, de modo geral, sobre a necessidade de transformação social.

Ao analisar as experiências escolares com agroecologia apresentadas neste texto, nossos resultados demonstram que o processo de inserção da agroecologia em cada escola, e a forma específica como tal inserção se dá em cada contexto, pode variar de acordo com duas questões

centrais: a partir das necessidades do território onde a escola está inserida e a partir do papel político que a escola assume em relação a isso.

A partir desta investigação, podemos afirmar que “há processos promissores de inserção da agroecologia nas escolas de Educação Básica do Campo, restaurando a “relação metabólica” da educação com processos produtivos vivos; relação que foi rompida pelo modo capitalista de pensar a educação e a escola” (Caldart, 2021, p. 358).

As apreensões decorridas da pesquisa nas três escolas de assentamento nos permitem afirmar que estas experiências concretas de inserção pedagógica e intencional da agroecologia incidem sobre processos de transformação da forma escolar (Caldart, 2015), tão necessária na Educação do Campo, pois envolvem rearranjos e mudanças significativas em estruturas tão cristalizadas como os agrupamentos em séries, o planejamento que não pode ser mais individualizado, a necessária auto-organização dos estudantes para o desenvolvimento de algum tipo de trabalho ou para levantamento de dados para uma leitura da realidade local, dentre outras possibilidades.

Estas compreensões nos levam a retomar a importância de articular esta discussão com as reflexões sobre a formação de educadores(as) do campo que atuam nestas escolas. Compreendemos que para atuação nesta tarefa árdua de construção de caminhos de inserção da agroecologia na totalidade de escolas demanda-se um(a) profissional, um(a) educador(a), um(a) professor(a) que tenha certas características e um perfil formativo delimitado.

Neste sentido, passamos a traçar considerações sobre a formação inicial de educadores(as) do campo para o trabalho com agroecologia, a partir dos indicativos delineados que podem incidir sobre este processo, em especial na área de Ciências Agrárias, em que a agroecologia é central.

4 A formação inicial de educadores(as) do campo para o trabalho com agroecologia nas escolas do campo

De acordo com Taffarel *et al.* (2011, p. 116), “a Licenciatura em Educação do Campo trata do objeto teórico-investigativo da educação, do ensino e do trabalho pedagógico que se realiza na práxis social”. Neste sentido, compreendemos que a formação dos estudantes destes

cursos deve se dar mediante a complexa relação entre teoria e prática, primando pela práxis docente e social.

As leituras propiciadas pela pesquisa e os estudos das experiências escolares possibilitaram elencar alguns elementos importantes que devem ser considerados na formação inicial de educadores(as) do campo, em especial no caso da formação na Área de Ciências Agrárias no contexto da Educação do Campo. Salientamos a compreensão de Ribeiro *et al.* (2017, p. 09) ao afirmar que “a proposta de Agroecologia para as escolas do campo deve estar diretamente ligada à construção de um novo projeto de campo”.

Os resultados provenientes da pesquisa nos permitem afirmar a importância de formar por meio das licenciaturas em Educação do Campo estudantes com capacidade técnica na sua área de formação, compromisso político com a classe a qual pertencem e com a necessária ousadia de transgredir os limites da escola pública no interior do estado burguês.

Compreendemos que para se inserir e efetivar a agroecologia nas escolas, sejam elas do campo ou da cidade, um pressuposto imprescindível é a capacidade técnica, o domínio dos conceitos, conteúdos, dos processos ecológicos, químicos, cílicos e da ação humana que interfere nos ecossistemas e agroecossistemas. É esta capacidade do(a) educador(a) que possibilitará a leitura da realidade não somente do entorno da escola, mas em suas relações com o todo social, que pode levar os estudantes a terem a compreensão dos processos complexos de transição agroecológica pautada nos princípios da agroecologia. Sem o domínio teórico-prático das questões centrais da agroecologia, não se pode efetivar o diálogo entre conhecimentos tradicionais, populares e científicos, nem desenvolver a pesquisa crítica da realidade que pode revelar as contradições da sociedade atual, tão importantes para o ensino-aprendizagem da agroecologia.

Colocar-se nesta direção nos impulsiona rumo ao terreno da contra-hegemonia na formação de professores, visto que a pressão internacional ante as políticas educacionais vem seguindo a lógica da mercantilização do empresariamento da educação (Freitas, 2014), efetivando-se, dentre outras formas, pelo esvaziamento de conteúdos e pelo rebaixamento da qualidade da educação oferecida à classe trabalhadora nas escolas públicas.

Articulado à capacidade técnica, e não menos importante, está o compromisso político com a classe trabalhadora que se desenha no campo brasileiro a partir de diversos sujeitos coletivos que se aglutinam no que temos chamado de povos do campo, das águas e das florestas e a participação em suas lutas. O(a) educador(a) do campo na área de Ciências Agrárias efetiva

seu compromisso político não somente ao dominar os conhecimentos científicos inerentes a sua formação, mas também, e de modo bastante importante, ao conhecer profundamente o território onde a escola está inserida, suas lutas e suas contradições, ao participar das organizações, entidades de classe e movimentos sociais do território, ao estar alinhado às demandas do território e das comunidades e suas lutas. Sousa *et al.* (2021) adverte que:

Embora a educação em agroecologia exceda as fronteiras da escola, pensar processos educativos a partir dela exige uma nova forma de estruturá-las, no seu sentido amplo. Os espaços formativos precisam ser ressignificados, reestruturados e adequados a currículos com práticas transformadoras da realidade no território e no trabalho. (Sousa, *et al.*, 2021, p. 366).

Neste sentido, compreendemos que os educadores e educadoras do campo precisam ter a capacidade de transgredir, que se desenha a partir da ousadia na ação, no que cabe a sua atuação na escola. Esta transgressão se relaciona com a forma de fazer, com o como fazer. Demanda a formação de um(a) educador(a) com a criatividade metodológica necessária, que ousa se apropriar de outras formas de efetivar a escola, em que a interdisciplinaridade tem grande potencial; que ousa fazer diferente, questionar e buscar romper com as relações autoritárias, competitivas, individualistas, submissas, racistas, homofóbicas e sexistas que a escola hegemônica sob o capital – assim como outras instituições – também nos imputa, mas tudo isso sem tirar da escola seu compromisso político e sobretudo a competência técnica, sem negar o acesso à ciência aos filhos e filhas dos trabalhadores(as) do campo.

Muito já se tem construído sobre a importância de relacionar a escola com a vida nas discussões da Educação do Campo, e este debate se associa diretamente com a capacidade do(a) educador(a) licenciado em Educação do Campo de atuar para a transformação da forma escolar. Uma escola que se oriente pela agroecologia pode desenvolver atividades coletivas, cooperadas, solidárias, voltadas a práticas sustentáveis e à soberania alimentar, vinculadas à justiça social e à transformação ambiental, que também transforma sujeitos, como sintetizam Gaia e Alves (2021, p. 778): “é necessária uma transição que modifique de fato as relações dos seres humanos com a natureza e entre si, mudanças nas relações sociais, trabalhistas, produtivas, ambientais, culturais, de gênero, de geração, de identidades, de classe”.

Para finalizar, compreendemos que a agroecologia nas escolas do campo pode contribuir para a construção de uma formação de estudantes da educação básica com alguns aspectos, conforme indicam Taffarel, Sá e Carvalho (2018):

CONSISTENTE BASE TEÓRICA – a escola tem a função social de garantir o acesso ao patrimônio cultural produzido pela humanidade e a função social do currículo enquanto programa de vida é elevar a capacidade teórica dos estudantes garantindo-lhes as ferramentas de pensamento para compreender, explicar e agir revolucionariamente no mundo;

CONSCIÊNCIA DE CLASSE – que se constrói na luta cotidiana na política para transformar a classe em si em classe para si;

FORMAÇÃO POLÍTICA – que se expressa na política cotidiana, na pequena e na grande política, dando rumos aos interesses da classe trabalhadora;

ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA – que se inicia na escola com a autodeterminação dos estudantes, com o coletivo, com o fomento de outros valores que não os valores individualistas e egoístas do capitalismo, mas, sim, o planejamento segundo valores socialistas, dos coletivos organizados para o trabalho socialmente útil. (Taffarel; Sá; Carvalho, 2018, p. 177).

Para que os estudantes da educação básica possam ter tal formação de modo comprometido com os interesses dos povos do campo, das águas e das florestas, se faz necessário, ao analisar a formação de educadores(as) do campo, problematizar as disputas de concepção de formação docente que está em voga nas licenciaturas em geral e também nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Salientamos que cabe aprofundar as discussões neste sentido, visto que as reflexões sobre as Licenciatura em Educação do Campo, como afirma Molina (2023), podem contribuir para a construção de um novo perfil de educador(a) para a escola da educação básica.

5 Considerações finais

A pesquisa acerca da formação de educadores(as) do campo para atuação voltada à agroecologia na educação básica nos permite revisitar questões historicamente importantes na formação de qualquer profissional comprometido com a escola pública, que vão desde a valorização dos saberes locais, a relação com as comunidades, até a participação nas lutas sociais e a garantia de um ensino-aprendizagem com profunda base teórica dos fundamentos das ciências.

A discussão acerca da formação destes profissionais no contexto da Educação do Campo exige a construção de esforços para que a competência técnica e o compromisso político sejam alinhados com a ousadia de transgredir e fazer uma escola diferente, que não somente questione o esvaziamento de conteúdo e a forma escolar hegemônica e suas decorrências formativas, mas que construa desde já germens de uma escola socialista.

Nossos estudos nos permitem afirmar que a agroecologia tem um grande potencial nesta direção, ela possibilita a realização de diversas atividades de trabalho, de pesquisa, de leitura da realidade e de debate sobre o projeto de campo e de sociedade nas escolas do campo e da cidade. Finalizamos com a certeza da continuidade dos estudos, nos voltando para a produção de material didático-pedagógico que considere a necessidade da inserção da agroecologia na educação básica e com a defesa, cada vez mais acentuada, do potencial desta ciência, desta prática e deste movimento político na formação das novas gerações.

Referências

- CABRAL, L. C. dos S. C. **Relatório Final de Iniciação Científica**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2025.
- CALDART, R. S. Educação do Campo e Agroecologia. *In:* DIAS, A. P.; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.). **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.
- CALDART, R. S. *et al.* **Inventário da realidade**: guia metodológico para uso nas escolas do campo. Veranópolis, Rio Grande do Sul, 2016.
- CALDART, R. S. Caminhos para transformação da escola. *In:* CALDART, R. S.; STEDILE, M. H.; DAROS, D. (Org.). **Caminhos para transformação da escola**: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- CALDART, R. S. Educação do Campo. *In:* Caldart, Roseli *et al.* **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- DIAS, A. P; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.). **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.
- ETALC. Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho. **Projeto Político Pedagógico**. Assentamento Joseney Hipólito, Ituberá-BA, 2020.
- FARIAS, M. I.; FINATTO, R. A.; LEITE, V de J. (Org.) **Inventário da Realidade e Cartografia Social – Possibilidades metodológicas nas escolas do campo**. Guarapuava: Apprehendere, 2022.
- FREITAS, L. C de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out.-dez., 2014.
- GAIA, M. C. de M.; ALVES, M. J.; Transição Agroecológica. *In:* DIAS, A. P; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.) **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.

GUHUR, D.; SILVA, N. R da. Agroecologia. In: DIAS, A. P; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.) **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

MOLINA, M. C. Concepções de formação em disputa em contexto de exclusão: reflexões e desafios a partir da análise das Licenciaturas em Educação do Campo. **Formação em Movimento**, v. 5, especial, n.10, p. 70-92, 2023.

MOLINA, M. C. Panorama das Licenciaturas em Educação do Campo nas IFES no Brasil. In: Ruas, J. J. ; Brasil, A. ; Silva, C. (Org.). **Educação do Campo**: diversidade cultural, socioterritorial, lutas e práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MOLINA, M. C.; PEREIRA, M. F. R.; BRITO, M. M. B. A práxis de egressos da LEdoC UnB na gestão das escolas do campo: caminhos para resistência à Matriz Nacional Comum de Competências do Diretor Escolar. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 6, p. 1-48, 2021.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. **Cartilha Programa de Reforma Agrária Popular**. VII Congresso Nacional do MST, Brasília, 2024.

RIBEIRO, D. et al. **Agroecologia na Educação Básica**: questões propositivas de conteúdo e metodologia. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SILVA, J. Z. da; MARTINS, J. F. A agroecologia nas escolas do campo vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: rumo à construção da Reforma Agrária Popular. @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 12, n. 22, 2024.

SOUSA, R. da P.; CRUZ, C. R. F.; ZAQUINI, P.; CERRI, D. Educação em Agroecologia. In: DIAS, A. P; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.) **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.

STAUFFER, A. de B.; RIBEIRO, D. S.; TIEPOLO, E. V.; VARGAS, M. C. Educação Básica e Agroecologia. In: DIAS, A. P; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.) **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.

TAFFAREL, C. N. Z.; SÁ, K. O. de; CARVALHO, M. de S. Políticas públicas, educação do campo e formação de professores para a escola do campo – contribuições do trabalho advindo da ação escola da terra. In: ZIENTARSKI, C. et al. **Educação como forma de socialização**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

TAFFAREL, C. N. Z.; JÚNIOR, C. de L. S.; PERIN, T. de F.; SILVEIRA, M. L. O. Profissionalização do professor na Educação do Campo: contribuição da UFBA na construção de Diretrizes Curriculares Nacionais. In: SÁ, M. R. G. B. de; FARTES, V. L. B. (Org.). **O saber e o trabalho docente**: concepções e experiências. Salvador: EDUFBA, 2011.